# TECNOFEUDALISMO E EDUCAÇÃO: AS FORMAS DE OPERACIONALIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS POR GRUPOS MISÓGINOS

Juliana Torres Ruiz Pino (PIC/UEM), William Robson Cazavechia (Orientador). Email: wrcazavechia@uem.br. Cezar Alencar Arnold de Toledo (Co-orientador). Email: caatoledo@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Educação/Fundamentos da Educação.

**Palavras-chave:** Misoginia; Educação Contemporânea; Capitalismo de Plataforma; Mídias sociais.

## RESUMO

O avanço da internet e das plataformas digitais reconfigurou as relações sociais, econômicas e educacionais, surgindo o tecnofeudalismo, regime que substituiu o capitalismo. Este trabalho investiga como esse regime estrutura a cooptação de meninos por grupos misóginos organizados na internet, denominados machosfera. Trata-se de pesquisa bibliográfica e qualitativa, fundamentada em literatura sobre tecnofeudalismo, capitalismo de plataforma, misoginia digital e efeitos do uso intensivo de telas na infância e adolescência. Os resultados indicam que plataformas digitais transformam a vulnerabilidade emocional desses meninos em engajamento lucrativo, atraindo-os para uma masculinidade que reforça discursos misóginos. Conclui-se que o enfrentamento desse fenômeno exige a responsabilização das plataformas, bem como criação de políticas educacionais para crianças e adolescentes e a regulação do ambiente digital.

## INTRODUÇÃO

O avanço da internet e a consolidação das plataformas digitais no contemporâneo têm reconfigurado profundamente as relações sociais, econômicas e educacionais. Para Varoufakis (2025), essas transformações indicam a substituição do capitalismo pelo tecnofeudalismo, no qual o capital assume uma nova mutação, o capital-nuvem, responsável por retirar os mercados e os lucros de seu papel estruturante e impor feudos digitais monetizadores de acessos às suas plataformas e ecossistemas. Neste contexto, elas controlam o acesso de capitalistas tradicionais e usuários a ambientes e infraestruturas on-line. Compreender esse regime é crucial para investigar como as plataformas digitais atuam como espaços formativos e pedagógicos, moldando e reproduzindo valores, comportamentos e identidades de crianças e adolescentes. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo investigar de que modo o tecnofeudalismo estrutura o ambiente digital em que a cooptação de meninos por grupos misóginos organizados na internet acontece. Para tanto, a pesquisa definiu o conceito de tecnofeudalismo, identificou as principais plataformas

digitais envolvidas nesse processo e examinou de que maneira sua lógica de funcionamento contribui para a formação de valores e comportamentos entre os adolescentes. Trata-se de pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa, fundamentada no diálogo entre a literatura sobre tecnofeudalismo e capitalismo de plataforma (VAROUFAKIS, 2025; MOROZOV, 2018) estudos sobre misoginia e violência de gênero no ambiente digital (VALENTE, 2023) e investigações acerca dos efeitos do uso intensivo de telas e redes sociais na infância e na adolescência (HAIDT, 2024; DESMURGET, 2023; GERRAND et al., 2025). Parte-se da hipótese de que a vulnerabilidade psicológica de meninos em idade escolar, é explorada lucrativamente por algoritmos, constituindo um processo educativo que naturaliza discursos misóginos e reforça desigualdades de gênero.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da leitura, do fichamento e da análise de obras selecionadas conforme o plano de trabalho do projeto de iniciação científica ao qual este resumo está vinculado. No levantamento bibliográfico selacionamos para construção da argumentação e demonstração da hipótese as obras Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo, de Yanis Varoufakis (2025), Misoginia na Internet: uma década de disputas por direitos, de Mariana Valente (2023) e *Big Tech*: a ascensão dos dados e a morte da política, de Evgeny Morozov (2018), A geração ansiosa, de Jonathan Haidt (2024), A fábrica de cretinos digitais, de Michel Desmurget (2023), e o artigo Mapping the Neo-Manosphere(s): New Directions for Research, de Gerrand et al. (2025). Complementarmente, foram consultados outros livros, pesquisas, artigos e posts que aprofundaram e atualizaram essa discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos permitem compreender o tecnofeudalismo como uma substituição-mutação do capitalismo em que o capital-nuvem substitui os mercados por plataformas de comércio digital e os lucros pela renda obtida do controle de acesso a ambientes on-line (VAROUFAKIS, 2025). A partir disso, usuários comuns tornam-se servos das nuvens, produzindo valor gratuitamente por meio de cliques, curtidas, comentários e compartilhamentos, sem perceberem que essas interações, alimentam a acumulação de renda das plataformas. Morozov (2018), mostra que, nesse modelo de negócios, a distinção entre conteúdos verdadeiros e falsos torna-se secundária diante da capacidade de viralização, o que favorece a circulação de discursos de ódio e de desinformação como fontes rentáveis de engajamento. Valente (2023), contribui para essa discussão ao demonstrar que as estruturas das plataformas amplificam a violência de gênero para além do ambiente virtual, também destaca a expansão da internet associada ao conservadorismo, no qual consolidaram ataques coordenados contra mulheres. Ainda que, regras privadas de moderação de conteúdo, podem conter danos e silenciar vozes feministas, sendo assim, insuficiente, juntamente com o sistema de legislação brasileiro, que carece de

leis eficazes à responsabilização das plataformas. Essa estrutura econômica fornece as bases para compreender o processo de cooptação de meninos por grupos misóginos organizados na internet, denominados machosfera. Entre as principais plataformas digitais identificadas nesse processo estão redes abertas e de grande alcance, como *TikTok*, *YouTube*, Instagram e Facebook, e espaços mais fechados e nichados, como *Discord*, *Telegram*, *Gab*, *Reddit* e *WhatsApp*, além de fóruns anônimos como o *4chan* e o *8chan*, plataformas de jogos e *streaming* como *Twitch*, *Steam* e *DLive*. (GERRAND *et al*., 2025). Segundo Haidt (2024), a vulnerabilidade de meninos a esse processo está relacionada à Grande Reconfiguração da Infância, marcada pelo afastamento do brincar livre, pelo aumento da supervisão adulta (segurismo) e pela consequente perda de oportunidades de desenvolver autonomia e lidar com conflitos. Esse afastamento do mundo real é acompanhado por uma aproximação crescente do mundo virtual, em que meninos passam a satisfazer necessidades de pertencimento por meio de jogos *on-line*, fóruns e comunidades digitais, sozinhos e em substituição a relações antes construídas presencialmente. Diante da ausência de referências masculinas positivas, muitos meninos passam a buscar orientação na internet, tornando-se vulneráveis a comunidades que radicalizam seu modo de pensar. Haidt (2024) explica esse processo a partir do conceito de viés de prestígio, segundo o qual seres humanos tendem a observar e imitar indivíduos considerados bem-sucedidos dentro de determinado grupo social, e neste caso, dentro de ecossistemas comunicacionais digitais. Influenciadores digitais que projetam sucesso, disciplina e força são tomados como referências, ainda que, posteriormente, entrelaçam discursos cujo a misoginia integra-se implicitamente àquilo que o adolescente aprendeu a admirar. Segundo o autor, desenvolvedores de plataformas compreenderam esse mecanismo psicológico e o transformaram em curtidas, compartilhamentos e seguidores, criando um ciclo de validação social. Documentos internos vazados por ex-funcionários de plataformas revelaram estratégias de engajamento voltadas a usuários mais jovens, cujo córtex pré-frontal ainda está em desenvolvimento (HAIDT, 2024), o que mostra a intencionalidade comercial por trás da captura da atenção de crianças e jovens. A análise de Desmurget (2023), corrobora que a literatura científica sobre o tema associa o consumo excessivo de telas recreativas a diversos problemas de saúde pública, como obesidade, sedentarismo, depressão e dificuldades de aprendizagem. O autor desconstrói a ideia do nativo digital, segundo a qual jovens desenvolveriam naturalmente maior habilidade de uso crítico das tecnologias por terem crescido em contato com elas, para Desmurget (2023), essa familiaridade não implica capacidade de reconhecer ou resistir a mecanismos de manipulação algorítmica, e a exposição precoce e contínua a esses ambientes contribui, ao contrário, para consolidar hábitos digitais cada vez mais difíceis de reverter. Gerrand *et al*. (2025) acrescentam a essa discussão a caracterização da chamada neo-machosfera, marcada pela expansão desses discursos para novas plataformas, pela crescente monetização de conteúdos e pela diversificação de seus grupos. Segundo os autores, essa dinâmica produz dois movimentos simultâneos, o *mainstreaming*, isto é, a suavização e a popularização do discurso da manosfera em redes abertas e de grande alcance e a radicalização em espaços mais fechados, nos quais a ideologia

aprofunda-se longe da moderação e do olhar de fora e para fora do ecossistema constituído como uma bolha de pertencimento.

## CONCLUSÕES

Os resultados indicam que o tecnofeudalismo, cria as condições econômicas e algorítmicas que sustentam a cooptação de meninos por discursos misóginos na internet. A vulnerabilidade emocional dos jovens, associada ao afastamento de experiências presenciais e à ausência de referências masculinas positivas, é explorada por algoritmos de engajamento e por influenciadores que monetizam narrativas de masculinidade tóxica, transformando frustrações pessoais em ressentimento de gênero. Conclui-se que o enfrentamento desse fenômeno exige compreender as plataformas digitais também como agentes formativos e econômicos que estruturam valores e comportamentos. Recomenda-se, diante da persistência e escala dessas violências, a responsabilização das plataformas, bem como criação de políticas educacionais para crianças e adolescentes e a regulação do ambiente digital.

## REFERÊNCIAS

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais:** os perigos das telas para nossas crianças. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2023.

GERRAND, V et al. **Mapping the Neo-Manosphere(s):** New Directions for Research. Men and Masculinities, v. 28, n. 5, p. 443-464, 2025. (colocar link?)

HAIDT, J. **A geração ansiosa:** como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

MOROZOV, E. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na Internet:** uma década de disputas por direitos. São Paulo: Fósforo, 2023.

VAROUFAKIS, Y. **Tecnofeudalismo:** o que matou o capitalismo. 1. ed. São Paulo: Crítica, 2025.